

21, DE NOVEMBRO DE 2012 FACEBOOK – RENATO CABRAL
"NUNCA CONFUNDA MOVIMENTO COM AÇÃO" – E. Hemingway.

Esgotado por mais um dia improdutivo, cheio de movimentos que não me levaram a lugar algum, resolvi descansar os olhos no Rondon Pacheco, onde se apresentaria o Wagner Schwartz e seu espetáculo PIRANHA. Dizem que os canibais quando comem a carne alheia absorvem também um pouco da alma do comido, e suas virtudes. E se tornam mais vivos com a morte do outro... Pois bem. Era escuro e um ponto de luz alumiu um pedacinho de um palco imenso. Só ali. E ali estava aquela massa de gente. Inerte. Imóvel. Morto. E numa estranha e dançante eletricidade, daquelas correntes elétricas que fazem um cadáver voltar à vida, ou um recluso arrebeitar as correntes, e traz a alma que já pisava na luz ou nas trevas de volta do precipício, aquele pedaço de carne começou a dançar, a vibrar e agir sobre si mesmo, motor imóvel, causa de si... Mas ainda não era dança. Ainda era só um pulso. Um início de grito e libertação. E das canelas ao topo da cabeça, mas sem sair do lugar, sem tirar o pé do mesmo lugar todo o tempo, um homem nascia entre espasmos, sustos e, por isso, nascia sua dança também. Uma dança que, por ser dança da morte, falava tanto da vida. Aquele esguio desconhecido sopitando de si mesmo. Uma espécie de piranha a morder o próprio rabo, se auto devorando. Um canibal a comer a si mesmo e a jogar na plateia suas sobras. E quando já não tinha mais nada, porque tudo já era dança, e o homem já não existia ali, nem a gente, porque também dançávamos, também imóveis como plateia, ele morreu de novo e nós gozamos, o que dá no mesmo. E estávamos cheios, enfim. E com aquilo que sobrou disso tudo, nos levantamos todos e batemos palmas. E fomos lá de fora fumar um cigarro. Voltei com os olhos carregados e o corpo descansado. É como dizem também. Não temos um corpo com uma alma. Somos uma alma que, de vez em quando, encontra um corpo. O Wagner encontrou o seu. E me ensinou a olhar pro meu.